

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO

1867

TÓPICO ESCOLHIDO

3

ENSAIO

Coloca o teu código de identificação e o tópico escolhido nos espaços assinalados a cinzento.

Redige o teu ensaio abaixo, em *Calibri*, tamanho 11, justificado, com o espaçamento pré-definido. Não escrevas o teu nome (ou qualquer elemento que te identifique) e não alteres elementos do cabeçalho.

Julgo que estávamos perto do Natal, e a família inteira estava reunida a ver um documentário. Não o estávamos a ver por ser particularmente interessante, apenas porque era o que estava a passar. Era um típico documentário do Canal História sobre alienígenas. Nada de especial, tirando por uma coisa que aconteceu logo ao início.

Como a maior parte dos documentários sobre a vida no espaço, este abriu com uma imagem da Terra a girar lentamente, com uma pesada voz no fundo a fazer uma introdução que era em tudo igual à de tantos outros documentários. Nós já tínhamos visto ao longo dos anos muitos programas parecidos, e ninguém estava a prestar muita atenção.

Até que a minha avó nos fez a todos uma pergunta que eu nunca achei que iria ouvir na minha vida, especialmente dum membro da minha família.

Ela perguntou-nos porque é que a televisão mostrava sempre uma Terra redonda.

Toda a gente ficou bastante confusa, obviamente. A televisão mostra a Terra como um globo porque a Terra é um globo. É algo que toda a gente sabe. Mas aparentemente a minha avó não aceitava isso. Durante anos ela tinha-se sentado connosco a ver aqueles programas a perguntar-se secretamente porque é que mostravam um planeta tão estranho. Afinal de contas, aquele em que ela vivia era plano.

Quando o choque passou, a situação tornou-se uma certa piada na família. E meses mais tarde, quando mencionámos o que tinha acontecido, a minha avó declarou orgulhosamente que já não achava que a Terra era plana porque tinha encontrado provas concretas de que o nosso planeta é diferente do que ela pensara durante toda a vida.

A prova dela era que quando ela girava muito depressa e parava de repente, o mundo parecia girar também. Por isso, a Terra é redonda.

Depois de revelar isto num ensaio que vai ser lido por estranhos, sendo a necessidade de defender a minha avó. Ela é uma senhora já de certa idade, nascida e criada num meio onde a taxa de analfabetismo não era propriamente baixa, e só fez a quarta classe. Em defesa dela devo ainda dizer que esta situação que me pareceu tão hilariante na altura se tornou mais tarde útil quando comecei a estudar Filosofia, então a experiência pelo menos serviu para me ensinar qualquer coisa. Foi graças a tudo isto que eu percebi o que é que as pessoas querem dizer quando falam de crenças verdadeiras obtidas de forma acidental.

Quero ainda lembrar que daqui a vários anos muitas das coisas que nos ensinaram e que nós temos agora como factos irrefutáveis podem vir ser a provados como falsidades, e os nossos netos podem acabar também a gozar connosco.

A verdade é que, quer o estejamos dispostos a admitir ou não, ela não estava propriamente errada. Sim, a Terra é redonda. E sim, o mundo parece andar à roda quando giramos muito depressa. Nada disto é uma mentira.

O problema é que a lógica utilizada não faz o mínimo de sentido.

O conhecimento é tipicamente definido como uma crença verdadeira justificada. E a afirmação da minha avó atinge todas as categorias. É uma crença, é verdadeira, e ela até apresentou uma justificação para a nossa conveniência. Uma justificação que não faz absolutamente sentido nenhum e que não parece ter qualquer ligação ao assunto.

Quando a minha turma começou a estudar o tópico da gnosiologia na aula de Filosofia, esta situação voltou à minha cabeça. E comecei realmente a questionar-me sobre o que é que podemos realmente usar como justificação para afirmarmos que temos um conhecimento genuíno sobre algo.

A luta contra a ignorância é uma batalha que é travada desde que a Humanidade começou a aprender sobre o mundo que a rodeava, e as grandes vítimas desta guerra são, geralmente, a paciência e, em casos mais extremos, a fé na raça humana. Da mesma forma, a busca por um conhecimento verdadeiro e genuíno teve quase tantos frutos, resultando em muitas dores de cabeça e poucas respostas concretas.

Que armas podemos nós levar para travar esta batalha onde não se podem usar os punhos ou ferro? A Ciência, a Filosofia e o pensamento crítico.

Neste ensaio planeio mostrar exactamente como é que podemos utilizar estas três ferramentas para garantir que as nossas crenças são o mais genuínas possível.

A maior parte das pessoas não conseguem ver como é que a Ciência e a Filosofia podem trabalhar lado a lado. Quando pensamos em cientistas, pensamos em pessoas perfeitamente razoáveis e sãs de espírito e mente que dedicam a sua vida a ajudar pessoas utilizando brilhantes invenções e descobertas. A opinião geral sobre os filósofos é menos agradável, sendo que a grande maioria da população não percebe porque é que alguém iria gastar tempo nalgo que é considerado por tantos como inútil.

Vemos a Ciência como mais útil porque é mais objectiva. Se quisermos provar que a Terra é redonda, podemos recorrer a imagens de satélite captadas pela NASA, onde centenas de homens e mulheres brilhantes trabalham incansavelmente todos os dias. Podemos recorrer a relatos de astronautas ou até mesmo a Galileu ou Copérnico.

A Ciência é então, na opinião geral, a irmã mais confiável da Filosofia.

Porém, a verdade é que a Ciência por vezes pode não ser tão irrefutável como parece.

Um bom exemplo disto são as constantes disputas com os chamados *anti-vaxers* (pessoas que se recusam a vacinar-se a si ou aos filhos) que são tão frequentemente encontradas na internet. Algumas destas pessoas são contra as vacinas por estas conterem químicos que são considerados perigosos, outras vão ao ponto de afirmar que as vacinas são a causa do autismo.

Várias provas foram já apresentadas para demover estas pessoas da sua crença. Estudos, tanto estatísticos como em laboratórios, provaram que as vacinas são perfeitamente seguras. Mas mesmo assim todos os anos existem centenas e até milhares de pais que se recusam a vacinar os filhos, respondendo à lista de factos apresentada pelos cientistas com outra lista de factos que diz exactamente o contrário da primeira. Ambos os lados acreditam completamente que possuem os factos verdadeiros.

Na situação apresentada no início do ensaio, eu encontrei-me numa situação bastante semelhante. Utilizei todas as provas que tinha, que não eram poucas, mas nada pareceu convencer o meu interlocutor de que eu tinha razão. No final, o argumento mais convincente foi aquele que menos sentido fazia.

Além disso, não podemos ver a Ciência como algo infalível. Nota-se já desde os tempos do Iluminismo que as pessoas tendem a divinizar a Ciência, esquecendo-se que o conhecimento científico é revisível e crítico de si próprio. Muito daquilo que considerávamos há séculos como factos são agora comprovados como mitos. Da mesma forma, aquilo que acreditamos agora ser uma verdade provada por cientistas pode sofrer o mesmo tratamento.

Vemos então que temos um obstáculo a separar-nos do nosso objectivo: a irracionalidade. E a única forma de lidar com a irracionalidade é apresentar-lhe uma lógica tão infalível que lhe seja impossível refutar.

É nessa questão que a Filosofia se torna crucial para conseguir navegar no mundo daquilo que sabemos e acreditamos.

O problema da Filosofia é que há poucas respostas para muitas perguntas, e ninguém parece concordar com nenhuma. A estética, a gnosiologia, a metafísica, etc... Nesses campos podemos encontrar uma grande variedade de respostas, o que é difícil de encontrar é um grupo de mais de dez pessoas em que todas partilhem a mesma opinião.

Mas o que as pessoas se esquecem é que a Filosofia não é só olhar por uma janela pensativamente a questionar o sentido da vida. Uma parte importante do estudo da Filosofia é aprender a defender a nossa posição de forma racional e correta.

Por esse mesmo motivo não nos podemos esquecer de ferramentas como a lógica e a retórica quando partimos na nossa busca por conhecimento.

A retórica surge muitas vezes mencionada juntamente com os sofistas, os inimigos de Sócrates, e, num contexto mais moderno, com os advogados e o sistema de justiça, em que muitos não confiam. Muitos caem no erro de ver a retórica como a arma daqueles sem convicções ou, pior ainda, como aqueles que querem manipular os outros para concordarem com as suas convicções.

Os políticos populistas, por exemplo, são mestres exímios da retórica. Conseguem convencer um auditório muito facilmente. Mas é preciso estabelecer uma linha entre o bom e o mau uso da retórica e determinar que esta deve ser utilizada para outros fins.

Neste caso, podemos utilizar a retórica e a lógica para ordenarmos os nossos argumentos de forma a fazerem sentido.

Vamos então analisar o argumento dado no início deste ensaio.

A premissa da qual partimos é que quando giramos, o mundo anda à roda. Logo, a conclusão é que a Terra é redonda.

Os erros neste raciocínio são óbvios e rápidos de captar, mesmo que nunca tenhamos tido uma aula de Filosofia na vida. Para começar, os erros científicos são muitos. Mas vamos esquecer isso para analisar as falácias cometidas.

Para começar, só existe uma premissa. É impossível conectar a premissa à conclusão de forma lógica. Imaginemos agora que o argumento apresentado tinha sido o seguinte:

Quando giramos, o mundo anda à roda.

Se a Terra fosse plana, o ato de girar faria com que todas as pessoas fossem atiradas da superfície da Terra para o espaço.

Logo, a Terra é redonda.

O argumento continua disparatado, sim. Na verdade, quando o colocamos desta forma é ainda mais irracional do que ao início. O que prova aquilo que eu estou a tentar afirmar: os factos desorganizados não são úteis, tal como os argumentos feitos sem base.

Porém, se juntarmos os dois, iremos conseguir um bom argumento para provar que a Terra é redonda:

Todas as fotos de todos os satélites mostram a Terra como um globo.

Todos os astronautas que foram ao espaço concordam que a Terra é redonda.

Todos os cálculos apontam para que a Terra seja redonda.

Logo, a Terra é redonda.

Tudo isto pode parecer um processo demasiado complicado para provar algo que já toda a gente sabe, mas podemos aplicar o mesmo processo a várias outras questões. Por exemplo:

Todos os cientistas concordam que os químicos nas vacinas não são perigosos.

Todos os cientistas que disseram que as vacinas são perigosas foram depois revelados como estando errados.

Logo, as vacinas são seguras.

Quando o nosso objectivo é ter confiança naquilo que sabemos, não podemos desprezar nem a Ciência nem a Filosofia. Como já estabelecemos até agora, a Ciência não é tão objectiva e segura como pensamos. E basear todos os nossos argumentos na nossa capacidade de convencer um auditório sem termos em consideração se há fundamento para as provas que apresentamos é uma tática que pode ter resultados desastrosos, como nos mostra o populismo.

A resposta é que não podemos separar uma da outra. A Filosofia deve ser apoiada pela Ciência, e vice-versa. Se ambos os extremos mostram terríveis cenários, então temos de encontrar um balanço que nos permita encontrar uma justificação confiável para as nossas crenças.

Temos então duas ferramentas extremamente úteis que nos podem ajudar a saber se o que aquilo que temos é um conhecimento completamente genuíno ou não. Mas há uma terceira ferramenta que ainda não mencionei: o pensamento crítico.

Existe esta ideia falsa de que o pensamento crítico é simplesmente criticar os outros. Quando olhamos para um quadro e dizemos que é feio, dizemos que estamos a pensar criticamente. Nunca pensamos em apresentar argumentos para defender a nossa posição de que é um quadro feio aquele para o qual estamos a olhar.

Pensar criticamente é muito mais difícil do que apontar defeitos porque uma parte crucial que é muitas vezes esquecida é olhar para dentro e pensar criticamente sobre nós mesmos. Mais especificamente e neste caso, sobre aquilo que nós sabemos.

Todos os amantes da Filosofia estão familiarizados com o exemplo de Descartes, que decidiu abrir mão de todas as suas crenças porque algumas podiam estar erradas e ele não tinha maneira de saber quais eram. Quando percebemos que as nossas crenças podem ser verdadeiras apenas acidentalmente, somos forçados a fazer uma pergunta: Será que o meu conhecimento é genuíno? Será que eu posso afirmar que sei alguma coisa?

Esta questão pode ser aterradora para muitos, mas é um terror necessário.

Quando nos começamos a questionar sobre isto, é tentador tentar seguir o exemplo de Descartes e limpar a nossa mente de todas as nossas crenças e ideias pré-concebidas para tentar começar do zero e definir não só aquilo que é verdade mas também como é que podemos justificar as nossas crenças. Mas a parte mais dura é que também isso é impossível: não existe no mundo um ser humano que não tenha opiniões e preconceitos, e enquanto é possível que se despeça de um ocasionalmente, ninguém se consegue tornar uma entidade perfeitamente imparcial.

Uma estratégia que resulta melhor é questionarmo-nos primeiro a forma como justificamos as nossas crenças. Aqui gostaria de apresentar aqueles que são conhecidos como os casos de Gettier.

Estes casos mostram situações em que as pessoas tropeçam acidentalmente em crenças que são verdadeiras mas não podem ser consideradas conhecimento genuíno.

Num deles, por exemplo, dois homens vão à mesma entrevista de emprego. Um deles arranja maneira de contar as moedas nos bolsos do outro e determina que o candidato com aquele número exacto de moedas nos seus bolsos irá conseguir o emprego. Quando o chefe lhe revela que foi ele que conseguiu o trabalho, ele conta as moedas nos seus próprios bolsos e descobre que ele e o outro candidato tinham o mesmo número de moedas. Ele estava, então, certo.

Este caso é utilizado simplesmente para mostrar que nós podemos estar certos pelos motivos errados, mas eu gostaria de o utilizar para fazer outro ponto.

A reacção da maioria ao ouvir este caso é, geralmente, confusão. Podemos fazer várias perguntas, como, por exemplo, como é que se contam as moedas nos bolsos de outra pessoa sem ela perceber? Essas perguntas são válidas, mas pertencem a outro ensaio.

Talvez a melhor pergunta a fazer ao homem deste caso é perguntar-lhe porque é que ele acredita que só o candidato com um número muito específico de moedas nos seus bolsos irá conseguir o emprego. Não há provas de que o chefe mostrará a sua preferência num critério

tão aleatório, e mesmo que isso fosse verdade, ele não poderia saber quando dinheiro cada candidato tinha nos bolsos a não ser que perguntasse.

O homem deste exemplo pode parecer estranho a muitos, mas esquecemo-nos que também nós acreditamos em coisas sem fundamento ou simplesmente tropeçamos em crenças que, por mera coincidência, são verdadeiras.

Vamos colocar-nos no lugar deste homem, então. Porque é que acreditamos que o critério decisivo nesta situação é algo tão estranho? Estamos a basear-nos num critério completamente aleatório porque temos uma superstição ou porque temos provas concretas de que a nossa previsão está correta?

Se aplicarmos estas perguntas à nossa vida do dia-a-dia, apercebemo-nos rapidamente que temos crenças que simplesmente não sabemos como justificar, que dependemos de superstições e construímos pilares de tudo aquilo em que acreditamos em bases instáveis.

Por isso mesmo o pensamento crítico, apesar de ser listado em último, é o primeiro passo para responder à pergunta de como é que posso garantir um conhecimento genuíno. Como em tantas situações, o primeiro passo é questionar.

Vamos então colocar as nossas crenças sobre um microscópio e perguntar: Porque é que acredito nisto?

Esta noção de que podemos estar errados precisa de nos acompanhar ao longo de todo o percurso. Temos de fazer uma série de outras perguntas para determinar se podemos ou não justificar a nossa crença.

Quando nos perguntamos se temos provas científicas para nos apoiar, temos de ter a sobriedade para perceber se estamos ou não a torcer os factos para nosso favor, como alguns fazem. Temos de comprovar a veracidade da nossa evidência, e a partir daí podemos continuar.

Depois disto tudo, temos de analisar os nossos argumentos contra e a favor da posição que estamos a defender. Fazem sentido? São sólidos e irrefutáveis? Estão de acordo com as provas que temos? Se não, temos de procurar chegar mais a fundo à questão.

Podemos aplicar este método a tudo na nossa vida. Porque é que acreditamos que a tortura é imoral? Porque é que acreditamos que Deus existe? Porque é que acreditamos no amor e na bondade?

E se não conseguirmos encontrar uma justificação para as nossas crenças ou determinarmos que não chegámos ao que acreditamos de uma forma correta? Bem, temos de pôr a crença em questão de parte.

Quando o tema é o conhecimento, há uma verdade que muito poucos estão dispostos a admitir: nunca ninguém irá conseguir um conhecimento perfeito e genuíno sobre o que quer que seja. Não sobre o mundo, e definitivamente não sobre nós mesmos.

Podemos, porém, tentar que as nossas crenças sejam o mais corretas possível. Isto só é possível se fizermos uso do nosso raciocínio para se questionar a si mesmo. Temos de nos tornar os juizes do nosso próprio conhecimento, e temos de cumprir a nossa missão da mesma forma profissional que os funcionários de justiça cumprem a sua.

A função da Filosofia é ensinar-nos como navegar num mundo em que conceitos como “verdade”, “mentira”, “correto” e “incorrecto” não são tão estáticos e óbvios como pensamos ao início, sendo na verdade muito mais subjectivos do que parecem a um primeiro olhar. A Filosofia não deve ser usada para tentarmos justificar as nossas crenças mas sim para as analisarmos e percebermos como é que as podemos melhorar, e, por intermédio, como é que nos podemos melhorar a nós próprios.

Tal como nunca haverá um conhecimento completo, nunca haverá um ser humano perfeito. Mas podemos ser seres humanos racionais. Podemos ser seres humanos que se recusam a aceitar uma meia-verdade como uma verdade absoluta, que aceitam uma afirmação como verdadeira sem questões. Podemos ser seres humanos que se esforçam por encontrar a luz nas trevas.